

# DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, EM 1940

RUTH BOUCHAUD LOPES DA CRUZ  
Da Seção de Estudos Geográficos do C.N.G.

O mapa da distribuição da população no estado do Espírito Santo é bastante expressivo.

Logo à primeira inspeção do mesmo, chama a atenção o modo, bastante irregular, pelo qual a população se distribui.

O vale do principal rio do estado, o rio Doce, é como que um limite, uma separação nítida entre duas regiões em que a distribuição da população se faz bem diferentemente.

Para o norte, vêem-se no mapa extensas regiões em que os pontos representativos da população, a não ser na altura do rio Doce e em certos trechos do litoral, são praticamente inexistentes. Para o sul do rio Doce, ao contrário, a população, de modo geral, apresenta-se mais concentrada, embora não haja ainda uniformidade em sua distribuição. Há, portanto, um grande contraste entre a parte norte e a sul do estado, contraste êsse que não aparece unicamente em se tratando da população rural. Também as cidades são mais numerosas do rio Doce para o sul, principalmente no extremo meridional do estado.

As duas cidades que podem ser consideradas de importância, Vitória e Cachoeiro do Itapemirim, estão aí situadas. O papel saliente de Colatina, como centro de apoio à expansão pioneira é mais restrito; ao passo que as duas concentrações acima apontadas têm uma esfera de influência muito maior.

Ao longo dos cursos dos rios há, geralmente, uma faixa de população mais concentrada. Tal fato é devido, principalmente, ao papel que os rios desempenharam nesse estado de interior montanhoso e florestal, pois foram desde cedo utilizados como vias de penetração.

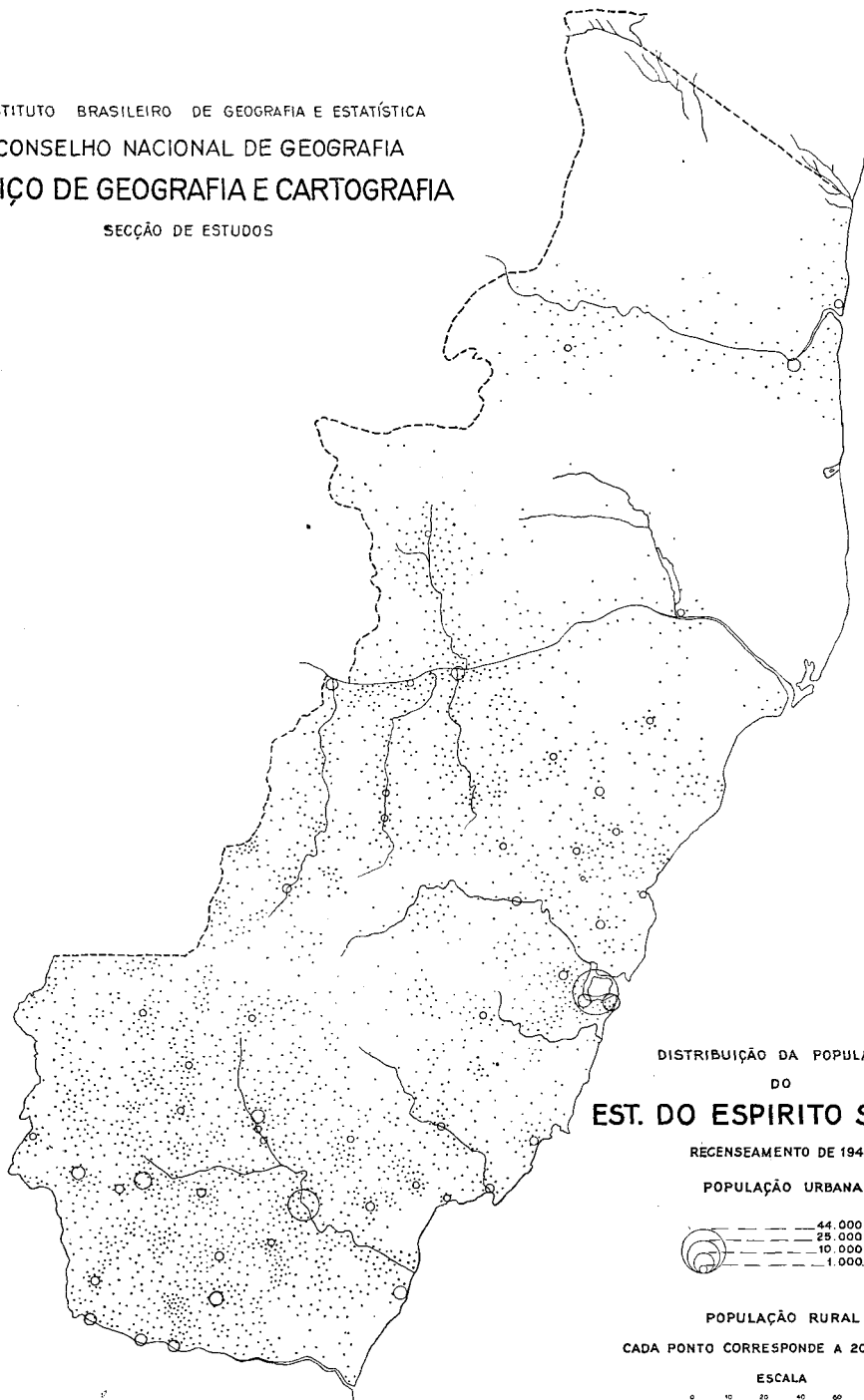
Interessante é observar como a população vai se condensando do litoral para o interior. Há uma faixa de população pouco densa ao longo do litoral, exceção feita de Vitória. Também pode ser notado o pequeno número de portos marítimos existentes na costa do Espírito Santo, fato êsse que tem sua explicação. O litoral é pouco recortado e os rios, na sua maioria, têm a foz obstruída por cordões litorâneos paralelos à costa, sendo as condições para o estabelecimento de portos, dessa maneira, muito precárias, com exceção de Vitória.

Em conclusão: aproximadamente duas terças partes do território espiri-tossantense são bem povoadas. Há zonas de vazio demográfico contrastando com as de população mais concentrada.

A população rural predomina largamente sobre a urbana. Da população total do estado, 79% estão disseminados pela zona rural, sendo o número de cidades, em relação à área total do estado, muito pequeno. Estas, além disso, são na maioria destituídas de importância, pois raramente ultrapassam 1 000 habitantes.

Múltiplos fatores, físicos e humanos, e entre êsses especialmente os econômicos, são responsáveis por essa irregularidade de distribuição da população.

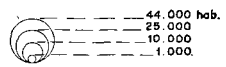
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA  
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA  
SERVIÇO DE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA  
SECÇÃO DE ESTUDOS



DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO  
DO  
**EST. DO ESPIRITO SANTO**

RECENSEAMENTO DE 1940

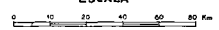
POPULAÇÃO URBANA



POPULAÇÃO RURAL

CADA PONTO CORRESPONDE A 200 habitantes

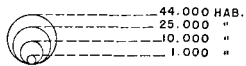
ESCALA



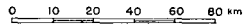
# ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



POPULAÇÃO URBANA



ESCALA



## LITORAL

Tôda a “zona litorânea” do estado do Espírito Santo é caracterizada por uma população dispersa e pouco densa, sendo a região da capital a única que, em tôda a extensão dêsse litoral, apresenta população concentrada.

Apesar de ter sido essa a zona primeiramente ocupada do estado, êsse antigo povoamento não encontrou condições físicas que possibilitassem um grande desenvolvimento.

As grandes baixadas quaternárias, pantanosas e insalubres, são encontradas de norte ao sul dêsse litoral uniforme. As praias constituem extensas regiões que, a perder de vista, ficam desabitadas. Todos os rios têm a foz impraticável, obstruída por sedimentos, nos quais os rios abrem canais. Mais para o interior sucedem-se os tabuleiros, possivelmente terciários, de superfície nivelada e de pequena fertilidade.

A região costeira é insalubre bastante para que a população continue aí reduzida e disseminada. Várias são as zonas em que a malária impediu a fixação da população. Quanto às florestas exuberantes que caracterizam a zona, representaram sempre uma dificuldade das maiores, opostas à colonização.

A inexistência de recortes, nesse litoral retificado pelas formações quaternárias, impede o aparecimento de portos. Trata-se de uma zona pobre, de povoamento semi-estagnado, da qual se destaca a dinâmica Vitória, a única concentração urbana importante. Na zona urbana e suburbana de Vitória concentram-se 32 865 habitantes. A capital tem mesmo merecido o nome de “cidade presépio”, devido ao acúmulo de população urbana, a qual se distribui pelos morros, constituindo as favelas. Dentro da própria zona urbana a população tem uma maior concentração na vila Rubim, bairro que fica na ilha do Príncipe, a qual se situa entre o continente e a ilha do Espírito Santo. Sua situação junto à ponte Avidos, que liga a ilha ao continente, é que a faz desenvolver-se a ponto de constituir um núcleo independente, com vida própria e que é como que o centro vital da cidade. Em Vitória, o desenvolvimento da indústria — a qual só se reveste de um caráter de importância em duas cidades do estado: a capital e Cachoeiro do Itapemirim — é outro fator do crescimento da população urbana. Várias foram as causas que determinaram a formação desta grande área urbana. Inicialmente Vitória desenvolveu-se graças à função que exercia como pôrto, à qual deve a grande esfera de influência de que dispõe. Foi sobretudo o café, no início, que colocou a cidade entre os primeiros portos brasileiros. A boa posição da capital como intermediária entre duas regiões de aspectos diferentes — o vale do rio Doce e a região serrana do sul — a cujas produções serve de escoadouro, é outro fator de seu progresso. Tôdas as outras cidades da região, ao seu lado, tornam-se apagadas e dependem estritamente dela.

A construção da Estrada de Ferro Vitória-Minas foi, porém, a principal razão do desenvolvimento de Vitória. Até meados do século passado a capital poderia ser comparada a Itapemirim, Anchieta e Serra, principalmente esta última, que foi centro de uma próspera zona agrícola. Com a conclusão da Vitória-Minas, em 1896, cresce a importância da capital, por cujo pôrto passa a escoar-se parte do minério de ferro explotado em Minas Gerais (fig. 1).

Todo o dinamismo de Vitória contrasta grandemente com a zona que cerca a cidade, na qual não se nota nenhuma outra concentração urbana que lhe possa ser comparada.



*Fig. 1 — Vista panorâmica da capital do estado, mostrando parte da cidade e de seu pôrto. No centro à esquerda a ponte Avidos. Ao fundo, nota-se a regularidade da superfície superior do planalto constituído de rochas do complexo fundamental brasileiro. A erosão ataca fortemente seu bordo oriental e pode-se, igualmente, notar a regularidade dos níveis inferiores*

Trata-se entretanto, como já foi dito, da zona de povoamento mais antigo do estado, a qual já teve uma vida econômica mais desenvolvida.

As cidades do litoral apresentam-se, atualmente, com um acentuado aspecto de decadência. As condições do meio físico nesta região nunca foram propícias a um grande desenvolvimento; uma das razões é que os solos do terciário e do quaternário, não oferecem boas condições para a agricultura. Os raros terrenos bons, acham-se esgotados, em virtude da constante utilização.

A produção do milho, arroz e côco da Bahia é maior no município de Vitória, em virtude da agricultura ser aí mais cuidada. No restante da zona, a agricultura resume-se numa pequena produção de cana e mandioca; o principal produto é, porém, o café, do tipo "capitania", plantado à sombra e cujo cultivo já foi muito maior. A queda do café abalou bastante a economia desta zona, contribuindo para a sua decadência.

Além de todos êsses fatores desvantajosos, há falta de elementos que atraiam população alienígena, a qual é sempre orientada para a encosta do planalto.

Finalmente, as condições do ponto de vista das comunicações são muito precárias. A Vitória-Minas é a principal artéria e, mesmo, a única via férrea nesta zona. Sua influência foi prejudicial à região litorânea, pois deslocou o centro econômico para o interior. Nova Almeida e Serra tiveram sua decadência iniciada pela construção dessa via férrea, que estabeleceu um ativo co-

mércio entre Vitória e Colatina, beneficiando Cachoeiro de Santa Leopoldina (Santa Leopoldina)<sup>1</sup>, Pau Gigante (Ibiraçu) e Fundão. Ao longo dessa estrada de ferro há uma visível concentração da população.

No litoral ao sul de Vitória salientam-se Guarapari e Anchieta, com 1 635 e 1 604 habitantes, respectivamente. As condições destas duas cidades, como portos, são relativamente boas. Anchieta fica protegida por uma saliência da costa que a abriga dos ventos demasiado violentos. Ambas iniciaram-se como reduções de índios. A agricultura foi a primeira atividade econômica adotada e que tomou logo um grande vulto. A pecuária até hoje é feita em pequena escala, sendo apenas suficiente para o consumo da zona. Ainda nesse caso, as regiões alagadiças impedem o pleno desenvolvimento da população. Como aconteceu nos portos do norte, em relação à Vitória-Minas, Guarapari e Anchieta tiveram que sofrer com a construção da Leopoldina. Mantiveram, porém, sua economia equilibrada, graças à exploração das areias monazíticas, que constitui a principal fonte da economia nesses dois municípios. As barreiras que aparecem em todo o litoral espiritosantense são formadas, ao sul de Vitória, por arenitos terciários ricos em monazita, ilmenita e zircônio. Anchieta e Guarapari são os principais centros da exploração desses minerais.

#### BAIXO RIO DOCE

Em seguida à zona litorânea, situa-se a região do baixo rio Doce, a qual se nos apresenta com um aspecto geral de população pouco concentrada, distribuída ao longo do rio e que somente adquire importância à altura da cidade de Linhares.

É interessante observar a diferença que, do ponto de vista da distribuição da população, apresentam entre si as diversas partes do curso do rio Doce. O baixo rio Doce, de população escassa e pouco concentrada, faz contraste com a parte do vale médio e seus tributários, onde se condensa a população.

Essa diferença surge aí devido a diversas causas. As condições do meio físico do médio rio Doce são muito melhores do que as encontradas em seu curso inferior, onde há sérias dificuldades a serem vencidas: uma região litorânea baixa, com grande número de lagoas, pântanos e florestas insalubres, dificuldades essas que sempre constituíram, nos tempos coloniais como agora, obstáculos opostos à fixação e desenvolvimento da população.

Outra considerável desvantagem é a impraticabilidade da foz do rio Doce, cuja grande carga faz desenvolverem-se cordões paralelos à foz do rio, tornando difícil o estabelecimento de um porto.

O povoamento é aí, entretanto, bastante antigo, tendo-se iniciado com a catequese dos índios pelos jesuítas. Estava porém fadado a estagnar-se. A zona do baixo rio Doce era uma região de regressão econômica até que o estabelecimento da cultura cacauera começou a desenvolvê-la, reerguendo-a economicamente.

As plantações de cacau no baixo rio Doce, principalmente nas imediações de Linhares, são feitas nos terraços marginais de 2 a 3 metros de altitude. Os terrenos aluvionais ao longo do rio e em seu enorme cone aluvial apresentam

<sup>1</sup> Os nomes colocados entre parênteses correspondem às designações que os municípios receberam depois de 1940.

ótimas condições para essa cultura, sendo o clima local, bastante chuvoso, igualmente propício.

As plantações dos cacauzeiros foram iniciadas por um fazendeiro baiano que aí introduziu os métodos modernos do seu cultivo. Surgindo logo uma série de imitadores, a população começou a adensar-se, sendo ainda aumentada por várias levas de trabalhadores que vêm do sul da Bahia, fugindo ao desaparecimento da pequena propriedade na região cacauzeira<sup>2</sup>.

Apesar dos perigos da monocultura, essa agricultura baseada no cacau tende ainda para um maior desenvolvimento, estando destinada a tornar-se uma das mais importantes produções do estado. Atualmente, sua produção é drenada pela Vitória-Minas para a fábrica de chocolate de Espírito Santo (Espírito Santo de Vitória).

Dessa maneira êsse novo interesse, o cacau, contribuiu para dar maior desenvolvimento à região de Linhares, concentrando alguma população nesta zona.

Destaca-se do conjunto pouco povoado a cidade de Linhares, hoje com 733 habitantes. Foi essa cidade fundada para estabelecer uma ligação entre o litoral e o interior, e essa circunstância fêz com que ela bem depressa adquirisse importância. Mais tarde, com a construção da rodovia, suas condições de transporte melhoraram, tornando-se o entroncamento da rodovia com o trecho navegável do rio.

Com a estrada de ferro Vitória-Minas, iniciadora de um ativo intercâmbio entre Vitória e Colatina, ficou Linhares relegada a um segundo plano. Fácil é perceber até que ponto foi nefasta, para Linhares, a construção dessa via férrea. Os exportadores de cacau preferem a via férrea à fluvial, levando seu produto a Colatina, onde o embarcam para a capital pela Vitória-Minas.

Regência, situada na foz do rio Doce, é um pôrto difícil, constituindo uma pequena concentração de 203 habitantes apenas. A região teria um outro interesse se pudesse dispor de um bom pôrto que a livrasse da estreita dependência em que fica da capital.

## ENCOSTA DO PLANALTO

Para o interior, a encosta do planalto contrasta com a faixa litorânea pelo seu povoamento mais denso e pelo caráter diverso que teve a sua ocupação devida, principalmente, à colonização européia.

Com o impulso colonizador houve, para essa zona do estado, um novo movimento de formação de cidades. A colonização, iniciada em meados do século XIX, era algo de necessário ao estado, algo que revigorasse o povoamento caído em marasmo.

Com o correr do tempo a zona do litoral, onde se concentrava a maior parte da população, foi sendo abandonada. Todo o interesse econômico passou a localizar-se na encosta do planalto onde a grande área de matas ainda não devastadas, o clima ameno, os rios numerosos e os solos virgens, promiss-

<sup>2</sup> MONBEIG, Pierre "Os problemas geográficos do cacau no sul do estado da Bahia". *Boletim Geográfico* n.º 24 pp. 1878-1883.

sos de boas colheitas, eram outras tantas condições para um maior desenvolvimento.

Era natural, portanto, que a colonização fôsse orientada para aí, resultando disso um povoamento mais concentrado na região serrana do centro do estado. Foi mesmo nessa zona que a colonização se revestiu de um caráter de maior importância.

Essa foi a origem de várias das cidades do planalto do centro do Espírito Santo: Santa Teresa (1875) Cachoeiro de Santa Leopoldina (1856) Santa Isabel (Isabel), (1847). Os alemães foram os primeiros a chegar, radicando-se em Santa Teresa, Santa Isabel, Cachoeiro de Santa Leopoldina, que são atualmente das mais adiantadas colônias da zona. (fig. 2).

O contingente de imigrantes de nacionalidade italiana foi maior do que

o de alemães. Estabeleceram-se mais ao sul, em Guiomar, Araguaia e Alfredo Chaves. Quanto aos poloneses, dirigiram-se mais para o norte, fixando-se em Pau Gigante e Serra da Baunilha.

Depois da fundação dos núcleos de Antônio Prado (1887) Acióli de Vasconcelos (1887) Demétrio Ribeiro (1891) e Muniz Freire (1894), paralisou-se o movimento imigratório no Espírito Santo.

Tem havido uma parcial mistura dos elementos nacionais com os estrangeiros, tendendo estes últimos para um "acaboclamento", embora não percam de todo as suas características raciais e sociais. A aclimação do imigrado foi, a princípio, um problema de difícil solução. Os colonos enfrentaram um ambiente totalmente diverso do seu habitual. A melhoria das condições sanitárias da região veio facilitar a fixação do estrangeiro. Hoje em dia, há uma gradual adaptação ao clima, sendo as condições demográficas bastante boas, o que é indicado pelo elevado índice da natalidade sobre a mortalidade.

A população distribui-se ao longo dos vales do Santa Maria, Jucu e Benevente. Papel importante na orientação do novo povoamento tiveram os pequenos vales secundários, procurados em virtude da facilidade de obtenção de água, que proporcionam. As casas distribuem-se ao longo desses pequenos cursos, sendo este, igualmente, o itinerário das estradas.

A colonização orientada pelo governo dava aos colonos um trato de terra, do qual eles se tornavam realmente proprietários. A agricultura que se realiza nessa região é diversificada, embora o produto mais cultivado seja o café. Entretanto, o que se encontra aí são pequenos lotes de café, e não uma cul-

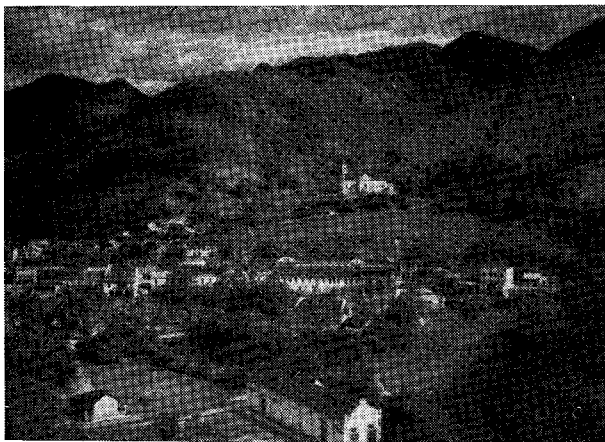


Fig. 2 — Cachoeiro de Santa Leopoldina, antiga colônia alemã e uma das mais desenvolvidas da encosta do planalto. Nos morros, em parte devastados, há reservas de mata. Destaca-se a igreja, situada em um patamar

(Foto WALTER EGLER)



tura feita em grandes fazendas, como em São Paulo. Comparando-se os mapas de produção do milho, café e arroz com o da distribuição da população, veremos que as áreas em que há um maior desenvolvimento dessas culturas coincidem com as de população mais concentrada. Santa Teresa, um dos municípios mais povoados, é dos que mais se destacam nesse particular.

Em tôda essa zona a indústria é incipiente revelando-se unicamente sob um caráter de beneficiamento dos produtos agrícolas e pastoris. Próximo às habitações constroem-se os moinhos de pilagem do arroz e café e prensagem da mandioca, que, a par de uma pequena horticultura, são os principais produtos agrícolas. A principal cidade desta zona de colonização antiga é Santa Teresa, a única em que foram instaladas pequenas fábricas.

A pequena propriedade é um dos característicos dessas regiões de antiga colonização européia.

O aumento de população é um fato indiscutível e facilmente verificável com a comparação dos recenseamentos de 1920 e 1940.

### ZONA SERRANA DO SUL

Na região serrana do sul situa-se a zona de maior concentração da população, tanto rural quanto urbana.

Encontram-se aí várias cidades de importância: Cachoeiro do Itapemirim (18 812 habitantes), Alegre (4 773 habitantes), João Pessoa (Mimoso do Sul) (3 828 habitantes), Siqueira Campos (Guaçuí) (3 828 habitantes) e Castelo (3 471 habitantes). Como se vê, a média dos 3 000 habitantes é comumente ultrapassada. Entretanto, a população rural é superior à urbana. É bastante numerosa, havendo quase completa regularidade em sua distribuição.

Notam-se pequenas manchas de população mais rarefeita na parte correspondente à serra do Caparaó.

Nessa parte meridional do estado acha-se o grosso da sua economia. A população densa foi aí determinada por uma série de fatores vantajosos.

No sul do Espírito Santo desenvolve-se o planalto, mais ou menos nivelado, dissecado por vales profundos, que foram os caminhos seguidos para o seu desbravamento. A ocupação das terras, que nessa região fez-se do interior para o litoral, iniciou-se de 1830 em diante; foi realizada por fazendeiros de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, onde a cultura do café se tinha tornado desenvolvida a ponto de precisar desdobrar-se à procura de terras ainda virgens. Os povoadores iniciais vinham principalmente de duas regiões: a zona da Mata de Minas Gerais e o vale do Muriaé, no estado do Rio de Janeiro. A onda de povoamento estendeu-se dos altos vales do Itapemirim e do Itabapoana para os seus baixos cursos. Eis porque se pode notar, ao longo destes dois vales, uma sucessão de cidades: Siqueira Campos, Alegre, Cachoeiro do Itapemirim, nas margens do primeiro; Bom Jesus do Norte, Bela Vista e Ponte do Itabapoana, nas do segundo.

Assim é que encontramos o café como o fator primordial da ocupação humana no sul do Espírito Santo e constituindo até hoje, apesar da queda sofrida, o principal fator da economia agrícola nesta região. Inicialmente, a mata

pujante, que constituía o seu revestimento vegetal, graças aos solos resultantes da decomposição das rochas granito-gnáissicas e ao clima úmido e quente, foi devastada, cedendo lugar aos cafèzais. Entretanto, ainda se encontram áreas de florestas virgens, especialmente nos municípios de Muniz Freire, Castelo e Rio Pardo, (Iuna), nos quais há uma população menos concentrada.

Há, porém, municípios da região que não devem seu povoamento inicial ao estabelecimento da cultura cafeeira, e sim à exploração do ouro.

No século XVII a notícia da descoberta das minas de ouro na serra do Castelo fez iniciar-se, nessa direção, uma onda de povoamento. Assim surgiram várias pequeninas aglomerações, como Caxixe, Arraial Velho, Ribeirão do Meio e Salgado, que constituíram o distrito de Nossa Senhora da Conceição das Minas do Castelo. Mais tarde tiveram que ser abandonadas, em virtude dos ataques dos índios, dirigindo-se seus povoadores para o litoral.

As terras, relativamente férteis, de composição argilo-silicosa e côr avermelhada, apresentam boas condições para a agricultura, que tem sido a principal atividade da população rural; degradam-se, porém, rapidamente.

Todos os municípios situados na bacia do Itapemirim são grandes produtores de arroz, fumo, mamona; porém o café é ainda o produto agrícola de maior significação na zona serrana do sul.

Tôda a produção agrícola é canalizada pela rêde ferroviária e rodoviária rumo aos principais mercados e centros exportadores: Cachoeiro do Itapemirim e Vitória.

Com a derrubada das matas e o esgotamento das terras, os cafèzais vão sendo substituídos pelas pastagens e dessa maneira o sul do estado se inicia na atividade pastoril, até então pouco cuidada.

Os municípios que integram a parte mais elevada do planalto — Siqueira Campos (Guaçuí), Muniz Freire, Rio Pardo (Iuna) — começam a orientar-se para uma pecuária mais desenvolvida. Na serra do Caparaó desenvolvem-se campos de altitude, que podem ser aproveitados para a pecuária.

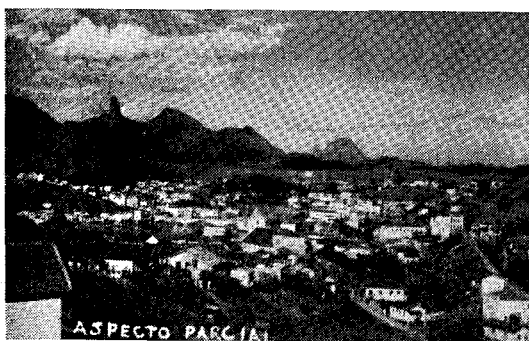


Fig. 3 — Cachoeiro do Itapemirim, capital regional do sul do Espírito Santo, no vale do rio Itapemirim. Na fotografia pode-se observar, a ponte sôbre o rio. O planalto aqui já foi bastante dissecado, restando apenas pontões, como os picos do Frade e Freira e de Itabira, que se destacam ao fundo

O Espírito Santo, entretanto, não está ainda apto a ter uma vida independente, neste ponto de vista; a maior parte do seu gado de corte vem de Minas Gerais.

A maior concentração urbana é a que ocorre na cidade de Cachoeiro do Itapemirim, situada à margem esquerda do Itapemirim e no ponto terminal da parte navegável do seu curso inferior. Iniciou-se, portanto, como pouso obrigatório para aquêles que subiam o rio. Centro de uma região que, como foi visto, é próspera e ativa, constituindo o ponto de entroncamento das estradas de ferro e de rodagem que cortam o sul do estado, desempenha essa cidade o

papel de principal entreposto econômico da zona. Conta com uma população de 18 812 habitantes (fig. 3).

A zona de influência da capital, Vitória, chega até o rio Benevente; daí em diante, a região tem como capital regional Cachoeiro do Itapemirim, com a qual as cidades da zona mantêm relações quase exclusivas. Cachoeiro do Itapemirim é o centro transformador para o qual aflui quase toda a matéria prima local. Grande número de fábricas contribuem para o aumento da população urbana.

Embora desenvolvidas, as outras cidades da zona não podem ser comparadas a Cachoeiro do Itapemirim. Alegre, João Pessoa (Mimoso do Sul), Castelo, são núcleos prósperos, centros de municípios densamente povoados. Apesar disso, dependem ainda muito de Cachoeiro do Itapemirim, que é o centro distribuidor dos produtos manufaturados.

### MÉDIO RIO DOCE

Para o norte, a zona do médio rio Doce apresenta, como a precedente, características de forte concentração de população. Não há tantos centros urbanos; a população rural é, porém, numerosa, principalmente ao longo dos tributários do Doce, onde se dá visivelmente a sua concentração. Também as cidades dispõem-se ao longo dos rios: Itaguaçu (791 habitantes) e Figueira (673 habitantes) no Santa Joana; Afonso Cláudio (1 126 habitantes) no Guandu e baixo Guandu (2 091 habitantes) na confluência deste com o rio Doce.

Colatina, com 3 913 habitantes, é o ativo centro pioneiro do qual irradiam as correntes de povoamento para o norte.

Essa zona apresenta um conjunto de fatores vantajosos que a tornam muito procurada. O vale do rio Doce é, pelos fatores naturais que o caracterizam, uma das mais ricas regiões do país. A exuberância de suas matas atesta a fertilidade de seu solo; nessas matas, por sua vez, há uma grande riqueza em madeiras e essências preciosas. Essas vantagens e, principalmente, o fato de constituir esse vale uma via de fácil comunicação entre o Espírito Santo e Minas Gerais, escoando os produtos deste último estado, tornaram-no desde logo procurado.

Seu povoamento foi tentado várias vezes, mas havia sérios obstáculos a vencer: a impenetrabilidade da floresta, a malária, a falta de vias de comunicação e, principalmente, a existência dos índios que, em todo o estado, forçavam a população a continuar agrupada em núcleos isolados no litoral.

A ocupação humana do vale do rio Doce obedeceu a duas correntes: inicialmente, do litoral para o interior, ainda no tempo dos donatários, e depois, em sentido inverso, caráter que até hoje apresenta.

A falta de um plano sistematizado de povoamento, os ataques dos índios, a precariedade das comunicações e as más condições da salubridade fizeram malograr as primeiras tentativas de ocupação.

Finalmente, com a abertura de uma estrada que margeava o rio e o estabelecimento de destacamentos ao longo desta, a população começou a fixar-se. Essa estrada data de 1792. Essa foi a origem de Colatina.



Fig. 4 — A margem direita do rio Doce e uma vista de conjunto da cidade de Colatina, cuja parte antiga, construída muito próxima ao rio, fica sujeita às suas inundações. A cidade que, inicialmente, se desenvolveu à margem do rio, expande-se agora pelas colinas. A ponte, que data de 1928, estabelece a ligação com a região ao norte do rio Doce

(Foto WALTER EGLER)

Situa-se esta cidade à margem direita do rio Doce, no ponto em que desembocam, quase fronteiros, os rios Pancas e Santa Maria do Rio Doce. O fato de constituir ela o ponto de partida das diversas correntes pioneiras que se infiltram por tôda a região do norte, ainda praticamente virgem de ocupação humana, apressou o desenvolvimento de Colatina, transformando-a, em poucos anos, num dos mais importantes centros urbanos do estado.

Isso tornou-se ainda mais evidente quando se construiu a ponte de Colatina sôbre o rio Doce, em 1928, facilitando a ligação com o norte, cujo verdadeiro desbravamento só então foi iniciado. A própria cidade viu seu progresso aumentado.

A região de Colatina é promissora. Seu sítio foi bem escolhido e mostrava-se propício a um rápido desenvolvimento, pois a cidade localiza-se na confluência de dois vales, numa região em que uma segunda bacia hidrográfica, formada por rios paralelos ao litoral, marca a parte média do Doce. Além disso, Colatina é beneficiada por estar situada numa região que pode ser facilmente atingida, gozando de boas vias de penetração que são os vales.

Tais foram as condições favoráveis que possibilitaram o desenvolvimento de Colatina. (fig. 4).

Atualmente, vive essa cidade da sua posição como centro de uma região próspera, cujas atividades concentra. Ocupa-se do comércio das pedras preciosas e madeiras de lei, das quais faz exportação; e, principalmente, vive das funções que exerce como centro de apoio à expansão pioneira.

As terras locais são, de modo geral, férteis e húmidas, adaptando-se, portanto, à cultura do café, assim como à da cana, do feijão e do milho. Outra

atividade que adensa a população é a mineração do ouro de aluvião no rio Doce ou de pedras preciosas, que são muito encontradas.

A exploração madeireira tem também a sua significação, embora grande parte da mata já se encontre devastada, dando lugar aos campos de cultura.

Essa população rural vê-se ainda mais acrescida com as sucessivas levas de imigrantes que para aí se dirigem. As culturas de café necessitam um grande número de braços, recebendo colonos nordestinos, do Ceará, Bahia e Pernambuco.

Nota-se, atualmente, que parte da população, mesmo nesses municípios de recente povoamento, desloca-se para a região do rio Pancas, a qual marca o limite entre as duas regiões, a ocupada e a não povoada, constituindo a mais ativa frente pioneira do estado.

O vale do rio Pancas dá a orientação atual à colonização. A estrada que o margeia estabelece a ligação entre essa região e Colatina. Para aí vêm colonos do sul e do centro

do estado, onde as terras começam a mostrar-se cansadas, não dando já lucros tão compensadores como no início da exploração. Os campos de pastagens substituem agora, nessa região, os cafèzais.

Dessa maneira, a população do Espírito Santo ainda apresenta um caráter flutuante, nada fixo, principalmente nesta região do norte, nessa instável frente pioneira.

Na zona do médio rio Doce ainda é sensível a influência de Vitória, para onde se escoia tôda a produção.

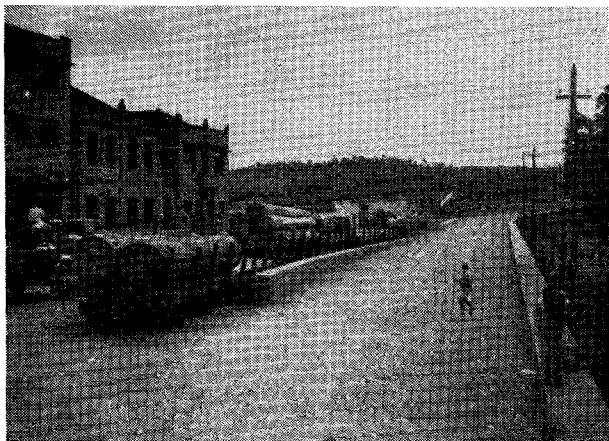


Fig. 5 — *Toras de madeira, em Colatina, prontas para serem embarcadas para Vitória. O comércio de madeira é uma das principais atividades da cidade.*

(Foto WALTER EGLER)

## NORTE DO RIO DOCE

É ao norte do rio Doce que se situa a zona caracterizada pela maior rarefação da população.

A população rural muito reduzida concentra-se nas margens dos rios e em certos trechos do litoral, sendo o restante da região caracterizado por vazios demográficos. Quanto à população urbana, as únicas concentrações dignas de nota são as cidades de São Mateus e Conceição da Barra, com 2 800 e 1 200 habitantes, respectivamente. Nova Venécia constitui um pequeno aglomerado de 492 habitantes apenas, aí estabelecidos e aumentados pela colonização.

Mesmo em São Mateus, que é o município mais densamente povoado da zona, há extensas áreas de terras devolutas, constituindo a cidade o verdadeiro centro demográfico rodeado de fazendas, as quais têm, geralmente, pequenas áreas.

Também aqui, como no litoral médio do Espírito Santo, há uma orla de povoamento mais antigo e um interior mais recentemente povoado. As cidades são caracterizadas pelo mesmo aspecto de decadência com que se nos apresentam as do litoral do estado. Tiveram essa origem bastante comum no Espírito Santo: iniciaram-se com as antigas migrações dos portugueses acosados pelos índios em Vila Velha.

Embora há muito tempo radicada na zona, a população teve que lutar contra tôdas as dificuldades que foram referidas, — como sejam os indígenas, as febres endêmicas, a mata virgem, a falta das vias de comunicação — as quais impediram o seu desenvolvimento. Essa região florestal acha-se ainda muito pouco povoada, constituindo uma interrupção entre duas zonas regularmente povoadas, que são o sul da Bahia e o centro do Espírito Santo.

A concentração da população nas margens dos rios São José, Itaúnas e São Mateus pode ser facilmente explicada pela ocorrência, aí, de terrenos aluviais muito férteis. Por esta razão as fazendas distribuem-se ao longo dos rios principais e de seus afluentes. O aproveitamento das terras para a agricultura teria melhores resultados se não fôsse o cansaço das terras, exaustas após anos sucessivos de utilização. Entretanto, as principais dificuldades são ainda a falta de vias de comunicação e a distância dos mercados. Foi projetada a construção da Estrada de Ferro São Mateus-Rio Doce a qual não se realizou, ficando como rodovia. A construção da Estrada de Ferro São Mateus-Nova Venécia, tem feito surgir aí uma zona agrícola mais desenvolvida.

Não é, porém, a agricultura o gênero de vida de maior significação no norte do estado. A indústria extrativa da madeira é a atividade que, atualmente, caracteriza essa zona.

Em continuação às planícies aluvionais quaternárias, ocupadas predominantemente por vegetação rasteira, desenvolvem-se as florestas riquíssimas, cuja exploração ocupa grande parte da população rural. A região tem um povoamento constituído principalmente por madeireiros, que são os desbravadores atuais.

A exploração madeireira faz-se, principalmente, ao longo dos rios São José, Itaúnas e São Mateus e seus afluentes. Por essa rede fluvial desce a madeira até o pôrto de São Mateus, sendo daí enviada para Vitória e para o Rio de Janeiro pelos navios das linhas de navegação São Mateus-Vitória e São Mateus-Rio de Janeiro.

Na margem norte da lagoa de Juparanã localiza-se um outro pôrto para a madeira, a qual chega até aí pelos caminhos florestais, a futura rede de vias de comunicação. Essa produção escoar-se pela Vitória-Minas para os mesmos centros consumidores.

A pecuária constitui um dos ramos da economia local que está bem desenvolvido, pertencendo a São Mateus um dos maiores rebanhos do estado. A criação é feita à sôlta, sem preocupação de estabulamento, seleção de repro-

dutores ou outras quaisquer técnicas adiantadas. O gado é exportado para Vitória, Linhares e Cachoeiro do Itapemirim.

A colonização polonesa dá um caráter especial à margem do rio São José, onde foi fundada em 1927 a colônia Águia Branca, o maior núcleo de colonização da região. (fig. 6).



Fig. 6 — Águia Branca, antiga sede da colônia polonesa do mesmo nome, ao norte do rio Doce. A população ocupou o fundo do vale, com distribuição linear ao longo da estrada. No primeiro plano, um pasto, substituindo um antigo cafézal. A mata é conservada nos cumos dos morros. Ao fundo, à esquerda, a serra dos Pancas, apresentando relevo muito erodido, em pontões

(Foto WALTER EGLER)

Santa Luzia do Pancas, na margem direita do rio Panquinhas, afluente do Pancas, Liberdade, Vila Verde, Rio Novo e Nossa Senhora da Penha, são as outras colônias ao norte do rio Doce. Em tôdas elas encontram-se descendentes de alemães e italianos; os elementos nacionais são predominantemente mineiros, espiritosantenses e baianos. A agricultura tem como principal produto o café, seguindo-se-lhe os cereais e o cacau.

## CONCLUSÃO

De tudo o que foi dito, pode-se deduzir qual o caráter atual da distribuição da população no Espírito Santo.

Nota-se a instabilidade característica das regiões cujo povoamento não tem ainda um caráter permanente, sendo continuamente modificado por deslocamentos de população.

Na parte meridional do estado se encontra a maior concentração da população rural e urbana, aí condicionada pela fertilidade do solo, pelas boas condições das vias de comunicação e dos transportes e pela proximidade dos mercados. O aproveitamento das terras para a agricultura deu o sentido inicial à ocupação humana desta zona, sentido êste que até hoje perdura. Nos últimos tempos, porém, a substituição dos cafézais pelos campos de pastagem proporcionou a essa região um novo aspecto econômico.

Os férteis vales tributários do médio rio Doce funcionam como concentradores da população e como vias de penetração, facilitando a penetração aos colonos que vão povoar o norte, seguindo sempre o vale do rio Pancas. Anima essa região o dinamismo de uma frente pioneira.

O baixo rio Doce contrasta com o médio curso por seu meio ambiente desfavorável e sua população pouco concentrada, tendendo atualmente para um maior desenvolvimento, com o recente estabelecimento da cultura cacauieira.

A extensa região do norte do estado constitui o principal ponto de convergência das correntes migratórias, que animam essa região recém-povoada, cuja nota característica é dada pela exploração madeireira.

Finalmente, a zona do centro-leste apresenta-se-nos como um conjunto sem grande importância econômica, do qual sobressai Vitória, a capital, desenvolvida graças às funções que desempenha como porto, trazendo sob sua estreita dependência as cidades que a cercam e estendendo sua influência até os extremos do estado.

O Espírito Santo é um dos estados do Brasil que estão fadados a ter um maior desenvolvimento, pois grande parte de seus recursos naturais acham-se ainda inexplorados. Acreditamos que, com a melhoria da zona litorânea e a construção das estradas de ferro e de rodagem que tão necessárias se fazem ao estado, este, com o precioso auxílio da imigração orientada pelo governo, venha a ter dentro em breve o desenvolvimento econômico que suas possibilidades sugerem.

## BIBLIOGRAFIA

### *Livros*

- DENIS, Pierre — “Amérique du Sud” — *Géographie Universelle*, tome XV, Première Partie, 210 páginas, 36 mapas e figuras, 65 fotografias fora do texto, 1 mapa fora do texto, em cores — Librairie Armand Colin — Paris, 1927.
- FERREIRA PENA, Misael — *História da Província do Espírito Santo* — 73 páginas — Rio de Janeiro, 1878.
- HARTT, Charles Frederick — *Geologia e Geografia Física do Brasil* — Tradução de Edgar Süsssekind e Elias Dolianiti — 649 páginas, 94 figuras — Biblioteca Pedagógica Brasileira, série V.<sup>a</sup>, vol. 200 — São Paulo, 1941.
- LOPES RIBEIRO, Ubaldo — *Município de Cachoeiro do Itapemirim* (monografia) — 588 páginas — Tipografia do Patronato — Rio de Janeiro, 1928.
- Município de Santa Teresa — Estatística, Corografia e História* — 99 páginas — Oficinas do Serviço Gráfico do I.B.G.E. — Rio de Janeiro, 1939.
- OLIVEIRA, Avelino Inácio de, LEONARDOS, Othon Henri — *Geologia do Brasil* — 2.<sup>a</sup> edição — 202 páginas, 37 estampas — Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 1943.
- PRADO JÚNIOR, Caio — *Formação do Brasil Contemporâneo — Colônia* — 2.<sup>a</sup> edição — 389 páginas — Editora Brasiliense Limitada — São Paulo, 1945.
- SAINT-HILAIRE, Augusto de — *Segunda Viagem ao Interior do Brasil — Espírito Santo* — Tradução de Carlos Madeira — 245 páginas — Biblioteca Pedagógica Brasileira, série V.<sup>a</sup>, vol. 71 — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1936.

### *Periódicos*

- ABREU, Sílvio Fróis — “Feições demográficas e morfológicas do litoral do Espírito Santo” — *Revista Brasileira de Geografia*, ano V, n.º 2, pp. 215-232 — 11 fotografias, 2 blocos — diagramas, 4 esquemas.
- ALMEIDA, Néelson Abel de — “Rio Doce” — *Boletim Geográfico*, ano I, n.º 7, outubro de 1943 — Pp. 42-46.
- ALVES DE LIMA, Miguel — “Viagem Vitória-Cachoeiro do Itapemirim” — 85.<sup>a</sup> tertúlia semanal, realizada a 14 de novembro de 1944 — *Boletim Geográfico*, ano II, n.º 21, dezembro de 1944 — Pp. 1361-1367.



- CASTRO SOARES, Lúcio de — “O vale do rio Doce, sua conquista e colonização” — *Boletim Geográfico*, ano I, n.º 5, agosto de 1943 — Pp. 47-48.
- COSTA PEREIRA, José Veríssimo da — “Traços essenciais da paisagem espiritosantense” — 81.ª tertúlia semanal, realizada a 17 de novembro de 1944 — *Boletim Geográfico*, ano II, n.º 20, novembro de 1944 — Pp. 1189-1193.
- COSTA PEREIRA, José Veríssimo da — “Vitória, a cidade e o pôrto” — 82.ª tertúlia semanal, realizada a 24 de outubro de 1944 — *Boletim Geográfico*, ano II, n.º 20, novembro de 1944 — Pp. 1193 a 1198.
- COSTA PEREIRA, José Veríssimo da — “Viagem ao rio Doce” — *Revista da Sociedade Brasileira de Geografia do Rio de Janeiro* — fascículos I e 4, tomo XVIII, 1.ª parte, 1905 — P. 30.
- DEFFONTAINES, Pierre — “Ensaio de divisões regionais e estudo de uma civilização pioneira — o estado do Espírito Santo” — *Boletim Geográfico*, ano II, n.º 19, outubro de 1944 — Pp. 905-999.
- DE MARTONNE, Emmanuel — “Problemas Morfológicos do Brasil Tropical Atlântico” — *Revista Brasileira de Geografia*, ano VI, n.º 2, abril-junho de 1944 — Pp. 155-175 — 5 figuras, 8 fotografias.
- ESPÍNDOLA, Regina Pinheiro Guimarães — “Trecho litorâneo de Vitória-Linhares-Lagoa de Juparanã” — 84.ª tertúlia, realizada a 7 de novembro de 1944 — *Boletim Geográfico*, ano II, n.º 21, dezembro de 1944 — Pp. 1356-1361.
- MONBEIG, Pierre — “Os problemas geográficos do cacau no sul do estado da Bahia” — *Boletim Geográfico*, ano II, n.º 24, março de 1946 — Pp. 1878-1883.
- RUBIM, Francisco Alberto — “Memória Estatística da Província do Espírito Santo no Ano de 1817” — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil* — 348 páginas — Tomo XIX, n.º 2.
- RUELLAN, Francis — “Aspectos geomorfológicos do litoral brasileiro, no trecho compreendido entre Santos e o rio Doce” — *Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, ano IV, n.º 5, novembro de 1944 — Pp. 6-12.
- SEGADAS VIANA, Maria Teresinha de — “O trecho Governador Valadares-Vitória” — *Boletim Geográfico*, ano II, n.º 20, novembro de 1944 — Pp. 1182-1189.
- WAGEMANN, Ernst — “A colonização alemã no Espírito Santo” — Capítulos VII, VIII e IX — *Boletim Geográfico*, ano VI, n.º 70, janeiro de 1949 — Pp. 1172-1197.

Sem autor:

- “Evolução do Espírito Santo” — *Observador Econômico e Financeiro*, ano V, n.º 49, fevereiro de 1940 — Pp. 88-103.

#### Inéditos

*Divisão Regional do Brasil: Região Leste* — Seção de Estudos Geográficos, 1945.

- ALVES DE SIQUEIRA, Manuel — *Monografia histórico-corográfica do município de Siqueira Campos* — 1940.
- ANTÔNIO, Alfredo — *Monografia histórico-corográfica do município de Rio Pardo* — 1940.
- BONFIM, José da S. R. — *Monografia histórico-corográfica do município de Santa Teresa* — 1940.
- CASTELO, Gilberto — *Monografia histórico-corográfica do município de Serra* — 1940 .
- COSTA, Antônio — *Monografia histórico-corográfica do município de São José do Calçado*.
- CIRNE, Edísio Costa — *Monografia histórico-corográfica do município de Guarapari* — 1940.
- COSTA, Eugênio — *Monografia histórico-corográfica do município de Fundão* — 1940.
- FRIZERA, Aniceto — *Monografia histórico-corográfica do município de Itaguaçu* — 1940.
- LAMEGO, Lauderico Ferreira — *Monografia histórico-corográfica do município de Santa Cruz* — 1940.

- LÍRIO, Luís — *Monografia histórico-corográfica do município de Viana* — 1940.  
 MEDEIROS, Antônio Almeida — *Monografia histórico-corográfica do município de João Pessoa* — 1940.  
 MONTEIRO DE ABREU, Danilo — *Monografia histórico-corográfica do município de Colatina* — 1940.  
 MORAIS, José — *Monografia histórico-corográfica do município de Conceição da Barra* — 1940.  
 MÜLLER, César — *Monografia histórico-corográfica do município de Cachoeiro do Itapemirim* — 1940.  
 ROCHA, Ethewaldo — *Monografia histórico-corográfica da cidade do Espírito Santo* — 1940.  
 SANTOS, Martins Otaviano — *Monografia histórico-corográfica do município de Domingos Martins* — 1940.  
 VIEIRA, Linival — *Monografia histórico-corográfica do município de Iconha* — 1940.

Sem autor:

- Departamento Municipal de Estatística de Vitória — *Monografia histórico-corográfica do município de Vitória* — 1940.  
 Monografias histórico-corográficas dos municípios de Afonso Cláudio, Alegre, Alfredo Chaves, Anchieta, Baixo Guandu, Cachoeiro do Itapemirim, Cariacica, Castelo, Itapemirim, Muniz Freire, Pau Gigante, Rio Novo, São João e São Mateus — organizadas com os elementos fornecidos pelas suas respectivas Prefeituras Municipais, em 1940.

#### Mapas

- Fôlhas da Carta Americana*: Vitória (SF-24) e Mucuri (SE-24) — Escala de 1 : 1 000 000 — Geographical Society of New York.  
*Cartograma da divisão territorial do estado do Espírito Santo* — Vigorante de 1.º de janeiro a 31 de dezembro de 1943 — Escala: 1 : 500 000 — I.B.G.E. — C.N.C. — Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica.  
*Mapas Municipais organizados para execução do decreto-lei n.º 311, de 22 de março de 1938* — Escalas variáveis — Cada município tem sua carta.  
*Mapa Geológico do Brasil* — Escala: 1 : 5 000 000 — Departamento Nacional da Produção Mineral — Divisão de Geologia e Mineralogia — Cia. Litográfica Ipiranga — São Paulo, 1942.  
*Mapa da Viação do Distrito Federal e dos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo* — Escala: 1 : 1 000 000 — Ministério da Viação e Obras Públicas — Departamento Nacional de Estradas de Ferro — Rio de Janeiro, 1944.

#### Inéditos

- BERNARDES, Nilo — *Mapas da Produção Estimativa de Cana de Açúcar, Café, Milho, Arroz, Côco da Bahia, Fumo e Mamona* — Base dos mapas: cartogramas do estado do Espírito Santo na escala de 1 : 1 000 000 — 1944.



#### RÉSUMÉ

Commentant la carte de distribution de la population de l'état de Espírito Santo, l'auteur fait des considérations sur les facteurs qui contribuèrent au panorama démographique présenté. Il décrit les principales régions naturelles: le littoral, la basse rivière Doce, le flanc du Planalto, la zone montagneuse du Sud, la moyenne rivière Doce, le nord de la rivière Doce et arrive à des conclusions sur le phénomène du peuplement, basé sur les facteurs indiqués.

L'auteur fait ressortir l'instabilité de la population dans le Espírito Santo où il y a des déplacements de population accentués. La plus grande concentration démographique se trouve dans la partie méridionale de l'état du fait de la fertilité des terres, des meilleures voies de communications et de la proximité des marchés. L'occupation humaine a commencé là avec l'agriculture, principalement avec le café, et tend maintenant vers l'élevage.

Les vallées des affluents de la moyenne rivière Doce sont des noyaux de population et aussi des voies de pénétration pour la colonisation du nord de l'état par la vallée de la rivière

Pancas. La basse rivière Doce a un peuplement peu dense à cause de l'ambiance défavorable de la plaine marécageuse. L'extrême nord encore peu peuplé constitue un grand centre d'attraction grâce aux forêts qui contiennent des bois de valeur.

La zone centre-est a une grande importance économique, là on distingue Vitória dont l'existence tient à sa fonction de port et de débouché pour la production de presque tout l'intérieur de l'Etat. L'auteur conclut que l'Etat de Espírito Santo est appelé à un grand développement grâce aux ressources naturelles encore non explorées.

---

#### RESUMEN

Estudiando el mapa demográfico del Espírito Santo, el autor hace consideraciones sobre los factores que determinaron la distribución de la población en el Estado. Describe las principales regiones naturales: el litoral, el curso final del río Doce, la encuesta del Planalto, la zona montañosa sur, el curso medio del río Doce y la parte norte del mismo río.

El autor hace destacar la inestabilidad y las migraciones de la población en el Estado del Espírito Santo. La mayor densidad demográfica se encuentra en el sur del Estado, debido a la fertilidad del suelo, a las mejores vías de comunicación y a la proximidad de los mercados. La ocupación humana tuvo inicio con la agricultura sobre todo con el cultivo del café y tiende para la ganadería.

Los valles de los afluentes del curso medio del río Doce son núcleos de población y vías de penetración para la colonización del norte del Estado, a través del valle del río Pancas. El curso final del río Doce presenta una población de escasa densidad debido al ambiente desfavorable de la región pantanosa ("baixada").

La extremidad norte poco poblada seduce al hombre con las maderas de sus florestas.

La región centro-oeste tiene gran importancia económica. Sobresale Vitória, puerto que recibe la producción de casi todo el interior del Estado.

El autor hace destacar que el Estado del Espírito Santo puede tener en el futuro considerable desarrollo a causa de sus inexplorados recursos naturales.

---

#### RIASSUNTO

Comentando il grafico della distribuzione della popolazione nello Stato di Spirito Santo, l'autore fa considerazioni sui fattori che contribuirono al panorama demografico presentato. Descrive le principali regioni naturali: il litorale, il corso finale del fiume Dolce, il declivio dell'Altiplano, la zona montagnosa sud, il corso medio del fiume Dolce ed il nord dello stesso fiume, ed arriva alle conclusioni sul fenomeno del popolamento, basato sui fattori segnalati.

L'autore mette in risalto l'instabilità della popolazione di Spirito Santo, essendovi accentuati spostamenti di popolazione. La maggiore concentrazione demografica s'incontra nella parte meridionale dello Stato, in conseguenza della fertilità del suolo, delle migliori vie di comunicazioni e della prossimità dei mercati. L'azione civilizzatrice s'iniziò con l'agricoltura, principalmente con la coltura del caffè ed ora tende allo sviluppo dell'allevamento del bestiame.

Le valli dei tributari del corso medio del fiume sono nuclei di popolazione ed anche vie di penetrazione per la colonizzazione del nord dello Stato, attraverso la valle del fiume Pancas. Il corso finale del fiume Dolce ha un popolamento di scarsa densità dovuto all'ambiente sfavorevole della zona paludosa. L'estremo nord ancora poco popolato, costituisce una grande attrazione dovuta alle foreste contenenti legnami di valore. La zona centro-est ha grande importanza economica, lì si distingue Vittoria, dovuto alla sua funzione portuaria e di incanalamento della produzione di quasi tutto l'intero dello Stato. L'autore conclude che lo Stato di Spirito Santo è destinato ad un grande sviluppo dovuto ai ricorsi naturali ancora non esplorati.

---

#### SUMMARY

In commenting the map of the distribution of the population of the State of Espírito Santo, the author makes a series of considerations on the various factors which contributed to the demographic pattern presented. She describes the principal natural regions: the coast, low "Rio Doce", the slope of the "Planalto" (plateau), the hilly lands of the South, the middle "Rio Doce", and the North of the same river, and, finally arrives to conclusions on the settlement phenomenon, based on the factors already cited.

The author emphasizes the instability of the population of the State, there existing accentuated demographic dislocation. The largest demographic concentration is found on the southern part of the State due to the fertility of the soil, to the better ways of communication and to the proximity of markets.

Here, the human occupation began with agriculture, chiefly coffee and, nowadays, there exists a trend to cattle raising.

The valleys of the tributaries of the middle "Rio Doce" form nuclei of population and at the same time constitute ways of penetration to the colonization of the North of the State, through the valley of the Rio Pancas. The low Rio Doce has a rarefied settlement due to the unfavorable conditions of the marshy lowlands.

The extreme North, still not populated, constitutes an attractive because of the forests which contain valuable timber. The center-east zone has a large economic importance. In this zone the city of Vitória stands out due to its portuary function as a drain for the production of almost all the interior of the State.

As a conclusion, the author declares that the State of Espírito Santo is likely to a development because of its natural resources not yet explored.

---

#### ZUSAMMENFASSUNG

Bei der Untersuchung der Verbreitungskarte der Bevölkerung des Staates Espírito Santo zieht der Verfasser einige Betrachtungen über die Faktoren die für die Entstehung des demographischen Panoramas beigetragen haben.

Er beschreibt die wichtigsten natürlichen Einteilungen: das Küstengebiet, der Unterlauf des Doce, der Hang des Hochlandes, die südliche Gebirgszone, der Mitellauf des Doce und das Gebiet nördlich dieses Flusses, und zieht daraus einige Folgerungen über den Gang der Besiedlung in hinsicht der angegebenen Ursachen.

Der Verfasser betont die Unbeständigkeit der Bevölkerung von Espírito Santo und deutet auf beträchtliche Verschiebungen derselben. Die bedeutendste Bevölkerungsdichte befindet sich im südlichen Teil des Staates in Folge der Fruchtbarkeit des Bodens, der besseren Verbindungsmöglichkeiten und der geringen Entfernung von Absatzstellen. Die Besiedlung begann hier mit dem Ackerbau, hauptsächlich mit dem Kaffeeanbau und geht jetzt langsam zur Viehzucht über in Folge der Erschöpfung des Bodens.

Die Täler der Nebenflüsse des Mittellaufes des Doce sind Bevölkerungsknoten und Eingangspforten für die Kolonisation des nördlichen Teiles des Staates und in dieser hinsicht stellt das Pancas-Tal den Haupteindringungsweg dar. Der Unterlauf des Doce ist sehr dünn besiedelt in Folge der ungünstigen natürlichen Zustände der Überschwemmungsebene. Das nördliche Ende des Staates ist noch sehr wenig besiedelt und bildet mit seinen dichten Wäldern, reich an Edelhölzern, ein Anziehungsmotiv für die Siedler. Der östliche Teil von Mittel-Espírito Santo hat eine grosse ökonomische Bedeutung, und die Hauptstadt Vitória spielt dort die wichtigste Rolle als Exporthafen vom grössten Teil der Erzeugungen des Binnenlandes. Als Schlussfolge erwähnt der Verfasser das der Staat Espírito Santo in der Zukunft eine grosse Entwicklung vor sich hat an Ansicht der noch nicht erforschten natürlichen Schätze.

---

#### RESUMO

Komentariante la mapon de la distribuo de la loĝantaro en ŝtato Espírito Santo, la aŭtoro faras konsiderojn pri la faktoroj kiuj kontribuis al la prezentita demografia panoramo. Li priskribas la ĉefajn naturajn regionojn: la marbordo, la malalta rivero Doce, la deklivo de la Plataĵo, la montara zono de Sudo, la meza rivero Doce kaj la nordo de rivero Doce, kaj li venas al konkludoj pri la fenomeno de la loĝatigo, bazita sur la montritaj faktoroj.

La aŭtoro akcentas la nefirmecon de la loĝantaro en ŝtato Espírito Santo, ĉar estas konsiderindaj translokiĝoj de loĝantaro. La plej granda demografia koncentriĝo troviĝas en la suda parto de la ŝtato, sekve de la fruktodoneco de la teroj, de la pli bonaj komunikvojoj kaj de la proksimeco al la komercejoj. La homa okupigo tie komenciĝis per la terkulturo, precipe per la kafo, kaj nun direktiĝas al la bestokulturo.

La valoj de la alfluantoj de la meza rivero Doce estas centroj de loĝantaro kaj ankaŭ vojoj de penetriĝo al la koloniigo en la nordo de la ŝtato, per la valo de rivero Pancas. La malalta rivero Doce havas maldensan loĝatigon pro la malfavora medio de la marĉa ebenaĵo. La eksrema nordo, ankoraŭ malmulte loĝatigita estas granda allogaĵo pro la arboroj, kaj enhavas grandvalorajn lignojn. La centra-orienta zono havas grandan ekonomian gravecon; tie reliefiĝas Vitória, dank'al sia funkcio de haveno kaj de defluilo de la produktaĵo de preskaŭ la tuta interno de la ŝtato.

La aŭtoro konkludas, ke ŝtato Espírito Santo estas destinita al granda disvolviĝo. dank'al la naturaj rimedoj, ankoraŭ ne esploritaj.